

#Casamentoreal: uma análise sociocultural a partir de postagens no Twitter

#Casamentoreal: a sociocultural analysis through Twitter posts

Renata Barreto Malta¹
renatamaltarm@gmail.com

Aianne Amado Nunes Costa¹
aianne_amado@hotmail.com

Pedro Renato Cardoso Meirelles²
pedrorcmeirelles@gmail.com

RESUMO

O seguinte artigo busca analisar postagens na rede social digital Twitter contendo a *hashtag* #casamentoreal, referente ao casamento entre a atriz americana Meghan Markle e o príncipe britânico Harry, membro da mais popular família real do mundo. O objetivo principal é compreender, a partir do *corpus*, aspectos culturais e relações de poder que se revelam em comentários no Twitter, propondo uma interpretação qualitativa dos dados sob as lentes dos Estudos Culturais. Para tanto, optamos por um método quanti-qualitativo de análise de redes semânticas baseada na coleta de conteúdos digitais, o qual permite a investigação de termos mais frequentemente relacionados nos discursos que compõem o *corpus*. Como resultado, identificamos como eixos centrais do conteúdo analisado: raça e etnia; gênero; globalização e hibridismo cultural, revelando perspectivas que reforçam o padrão hegemônico assim como um discurso crítico que questiona estruturas de poder já consolidadas socialmente.

Palavras-chave: Casamento Real. Redes sociais. Análise semântica. Cultura.

ABSTRACT

This article aims to analyse the Twitter posts which contain the *hashtag* #casamentoreal, referring to the wedding between the American actress Meghan Markle and the British prince Harry, member of the most popular royal family in the world. The main goal is to understand, through the corpus, cultural aspects and power relations, which are revealed in the Twitter comments, proposing a qualitative interpretation of the data, by the Cultural Studies perspective. Therefore, we have opted to apply a quanti-qualitative method of analysis of semantic nets based on the collection of digital contents, which allow the investigation of terms most frequently related to the discourses that compose the corpus. As a result, we identify as central axes of the analysed content: race and ethnicity; gender, globalization and cultural hybridism, revealing perspectives that reinforce the hegemonic pattern, as well as a critic discourse that questions power structures socially consolidated.

Keywords: Royal wedding. Social networks. Semantic analysis. Culture.

¹ Universidade Federal de Sergipe. Av. Marechal Rondon, s/n – Jardim Rosa Elze, São Cristóvão (SE).

² Universidade Federal Fluminense. Rua Miguel de Frias, 9 – Icaraí, Niterói (RJ).

Introdução

No dia 21 de maio de 2018 o Kensington Palace divulgou, através de seu perfil na rede social digital de foto e vídeo Instagram³, uma imagem centralizada por uma noiva não caucasiana que se auto-declara birracial. Ao seu lado, também de pé, se destacam sua mãe negra e seu noivo branco, formando um *dégradé* digno de campanhas publicitárias. Mais afastados do centro estão os membros da família do noivo, entre eles sua avó, sentada; seu pai, em pé e atrás dela; e seu irmão, em pé do outro lado. Na legenda, lê-se que esta é uma das três fotos oficiais do casamento real entre a atriz americana Meghan Markle e o príncipe britânico Harry (hoje, Duquesa e Duque de Sussex), que aconteceu dois dias antes.

Tudo sobre essa foto, desde aqueles retratados até a forma como ela foi tornada pública, seria improvável – ou ao menos inesperado – apenas algumas poucas décadas atrás. Assim, a Rainha e os herdeiros do trono de um dos países mais atuantes do período histórico do Imperialismo cedem posições de destaque para duas mulheres negras e nascidas em sua antiga colônia. Uma delas, apenas horas atrás, recebeu o título de primeira pessoa não-branca a ingressar a família real inglesa na história moderna, uma carga simbólica e representativa que não passou despercebido. E aqui, não nos referimos apenas à fotografia.

A partir desse fenômeno e através do uso da hashtag #casamentoreal no Twitter, objetivamos investigar a fala do brasileiro nas mídias digitais sobre o casamento de Meghan e Harry que, para além de um evento, configura-se um marco histórico de fortes representações socioculturais, propondo uma discussão fundamentada pela ótica dos Estudos Culturais, exemplificada por *tweets* reais. Para tanto, faremos uso de um método quanti-qualitativo (REGATTIERIDE et. al., 2014) de mapeamento de dados e uma análise qualitativa derivada dos resultados empíricos que emergirem.

Um casamento histórico

A família real da Grã-Bretanha é considerada a mais popular do mundo. Enquanto outras monarquias

tendem à maior discrição – na medida em que o título permite –, a do Reino Unido constrói o que a CNN chamou de “a maior marca do mundo” (ELAM, 2017). Teóricos e pesquisadores divergem em atribuir a principal razão para isso, com argumentos que vão desde o misticismo envolvendo o trono e as histórias por trás dele, aos incansáveis tabloides britânicos. O que não deixa incerteza é que a Rainha Elizabeth II e seus descendentes atraem o interesse de pessoas em todo o mundo, a exemplo de séries televisivas de sucesso como *The Crown* e *The Royals* e o número de pacotes de turismo internacional especializada na monarquia britânica, por exemplo⁴.

No Reino Unido, histórica e tradicionalmente, os membros da realeza são a alegoria máxima da sua população. O jornalista britânico Sandro Monetti afirma que “para grande parte do mundo, a Grã-Bretanha é a família real” (In: ELAM, 2017). É a família-símbolo da pureza que Stuart Hall (2003), na situação de imigrante, percebe e descreve como valorizada pela sociedade inglesa⁵. Em relação ao noivado de Meghan e Harry, e de sua própria experiência identitária, a jornalista Afua Hirsch, que se autodeclara birracial, escreve para o *The Guardian* sua experiência crescendo em um país em que seus representantes não a representavam:

The royal family plays a largely symbolic role in our society, so it's the symbolism of this engagement that interests me. I struggled growing up with the feeling that the monarchy were fundamental to Britishness, but that the Britishness they represented was one that excluded me. This exclusion mattered. It made other people perceive being truly British, and being black, as incompatible identities. It represented a giant taboo. Every government that I can remember made some attempt, rhetorical at least, to acknowledge and protect racial diversity. The family at the apex of our society was doing anything but (HIRSCH, 2017).

Ao contrário da família de seu marido, Meghan Markle demonstrava cautela ao manter-se afastada de tabloides e notícias. De fato, até seu relacionamento com Harry (e as consequentes investigações sobre a

³ <https://www.instagram.com/kensingtonroyal>

⁴ Os ganhos com turismo são os principais argumentos pelos britânicos defensores da manutenção da família real. O relatório anual sobre o valor da monarquia de 2017 feito pela Brand Finance estima que um valor aproximado de 550 milhões de libras neste setor tenha sido gerado por ela, tanto por visitas a lugares e cenários ligados à realeza quanto ao merchandising.

⁵ Uma pesquisa de 2018 divulgada pelo YouGov Profiles afirmou que a aceitação da família real era de 7 a cada 10 ingleses.

então namorada do príncipe), pouco se sabia sobre sua vida além do seu primeiro e único trabalho de destaque como atriz. Porém, as limitadas informações disponíveis foram suficientes para observar que se tratava de uma figura destoante da prestigiada tradição real inglesa: ela autodeclara-se birracial (pai branco e mãe negra) e feminista, tendo manifestado posições políticas principalmente sobre as duas questões; é três anos mais velha que seu marido; divorciada; tem uma relação complicada com sua família; e, como atriz, performatizou algumas cenas sensuais.

Logo, a notícia do relacionamento dos dois ascendeu uma série de comentários pejorativos a Markle, principalmente em ambientes das mídias digitais, o que Meghan considerou “desalentadores”⁶ (KATZ, 2017). A seriedade desse conteúdo levou Harry a emitir uma declaração considerada inédita pela mídia local. Nela, o príncipe cita uma “onda de abuso e assédio” de cunho racista e sexista vinda de “primeiras páginas de jornais nacionais”, “sessões de comentários na internet” e “trolls das mídias sociais e comentários de artigos da web”, e se diz “profundamente desapontado” em não poder protegê-la (KENSINGTON PALACE, 2016). Ainda assim, os discursos sobre a figura de Meghan se fizeram presentes durante todo relacionamento e noivado, ganhando força à medida que o casamento se aproximava.

O casamento ocorreu no Castelo de Windsor, localizada na cidade de Windsor em Berkshire, Inglaterra. Na cerimônia, simbologia racial e pós-colonial desta união foi pensada e explorada em diferentes aspectos: houve representatividade negra através do coral gospel *The Kingdom Choir* (que cantou a música *Stand By Me*, com letra composta pelo americano negro Ben. E. King e que fala sobre superação e companheirismo); da apresentação do violoncelista Sheku Kanneh-Mason; da fala do Bispo Michael Curry, que citou Martin Luther King Jr. e levou elementos da igreja negra norte-americana ao castelo; e dos dreads no cabelo de Doria Ragland, mãe da noiva. A ideologia feminista de Meghan também se fez notória através da sua entrada desacompanhada na igreja e da quebra de protocolo ao não jurar obediência ao marido.

A cobertura midiática

Estima-se que o casamento tenha sido televisado para mais de 180 países e, em conjunto com a transmissão oficial via internet pelas páginas da monarquia inglesa no YouTube e Instagram e no seu aplicativo para celular, somou-se um total estimado de 2 bilhões de espectadores. Diversas emissoras de todos os continentes transportaram equipes para o local do evento para uma cobertura mais completa. Assim, todos os detalhes da cerimônia, desde a ordem dos assentos às flores do buquê, passando por cada peça usada pela noiva, foram extensivamente comentados.

No Brasil, a transmissão televisiva foi garantida por cinco canais da TV segmentada e a gigante da TV aberta nacional, Rede Globo – que levou quatro equipes de reportagem para Londres e obteve um crescimento de 73% da audiência em comparação com os quatro sábados anteriores. Na TV paga, a *Globo News* teve um aumento ainda maior, de aproximadamente 225%⁷. O canal E! teve uma programação especial durante todo dia: reprise do casamento logo após sua exibição ao vivo, exibição de três documentários sobre o casal e maratona da série *The Royals*. A Record, também da TV aberta, apesar de não exibir imagens oficiais do casamento, tinha conteúdo especial voltado ao tema.

Na internet, o casamento de Harry e Meghan também foi destaque durante a manhã daquele sábado. Além da televisão, o canal GNT exibiu o evento ao vivo no seu serviço de *streaming* GNT play (disponibilizando 30 minutos gratuitos para não assinantes) e no seu canal no site YouTube, com outros comentaristas, mais voltados para o público virtual. Pelo *streaming* do Globo Play também era possível assistir a mesma cobertura da TV. Entretanto, a maior relevância da internet, quando na repercussão do evento no Brasil e no mundo, foi através do uso da mesma como segunda tela e *backchannel*⁸. Diversos perfis no Instagram e no Facebook especializados em moda, celebridades, mídia e notícia comentavam a cerimônia em tempo real com seus seguidores. Segundo dados oficiais do Twitter, até o dia seguinte ao casamento foram registrados mundialmente mais de 6,5 milhões de *tweets* sobre o tema, dos quais 5,2 utilizaram a *hashtag*

⁶ Tradução da autora para a palavra “disheartening”

⁷ Traduções da autora para “wave of abuse and harassment”; “front page of a national newspaper”; “comment pieces”; “social media trolls and web article comments”; e “deeply disappointed that he has not been able to protect her”.

⁸ Para PROULX e SHPEATIN (2012), segunda tela é o termo que descreve a interação entre espectadores televisivos através de tecnologias digitais; já *backchannel* diz respeito ao conteúdo digital espontâneo criado pela audiência enquanto o programa de tv é exibido. Dessa forma, assistir TV, ato antes individual, passa a ser uma experiência coletiva, o *coviewing*.

#royalwedding - o sermão do bispo Michael Curry foi o momento mais comentado - e 9 das 10 das palavras e expressões destacadas no *trending topics* do site eram relacionados ao casamento.

No Brasil, o assunto ocupou pelo menos 3 posições entre os *trending topics* do Twitter. A plataforma Scup fez um monitoramento detalhado dos dias 22 de abril a 22 de maio, coletando mais de 380 mil menções ao tema no Twitter (correspondente a 91,7% do total) e no Instagram (8,3%). Desse número, mais de 227 mil aconteceram aos sábados, com maior número de menções às 9 horas da manhã desse mesmo dia. Segundo o site do Observatório da Televisão, da UOL.

Esses dados quantitativos tornam-se ainda mais expressivos considerando que o casamento teve início às 8 horas no horário de Brasília (com transmissões iniciadas até duas horas antes) de um final de semana; e que nem a família real nem a atriz são figuras significativamente populares da rotina do brasileiro médio. A notoriedade nacional do casamento real britânico, em especial com uma plebeia com as características de Markle, por um lado comprova a popularidade da coroa britânica fora do seu reino, e, por outro, evidencia o imaginário nacional acerca da monarquia – e talvez a nostalgia a ela atrelada – e o nosso perfil multicultural e pós-colonialista (HALL, 2003).

Metodologia

Devido a características próprias do espaço digital – como a capacidade de registro, a permanência de conteúdo e de recuperação – o estudo das redes sociais na Internet pode ser mais fácil, amplo e ágil que, por exemplo, o volátil diálogo face a face (RECUERO, 2014). O mapeamento desse campo pode fornecer análises precisas de grande número de dados. Entretanto, é preciso ter em mente que as plataformas exercem influência direta nas interações por elas mediadas.

Para a seguinte pesquisa, a escolha da forma de mapeamento deu-se a partir de uma série de estudos e comparações, resultando na opção por um método pragmático, detalhado e factível diante das limitações de tempo, recurso e políticas de privacidade dos sites. Seguindo a metodologia utilizada por Paz e Meirelles (2018), optamos por utilizar o procedimento de análise de redes semânticas baseada na coleta de conteúdos digitais. Apesar de fácil interpretação, tal técnica demanda certa complexidade de teorias e procedimentos, os quais nos parece pertinente detalhar aqui.

A análise de redes semânticas

James Danowski, pesquisador de análise de redes desde a década de 1970 e criador do programa WORDij, ferramenta que possibilita análises como as realizadas neste estudo, explica que

Instead of categorizing messages, with a network perspective you can capture the relationships among words within the messages. Defining word-pair link strength as the number of times each word occurs with another, every possible word pair has an occurrence distribution whose values range from zero on up. This ratio scale of measurement allows you to use sophisticated statistical tools. Some of these enable you to map the structure of the word network. They identify word groups, or clusters, and quantify the structure of the network at different levels. Using these word-pair data as input to network analysis tools, you map the language region. On the map, instead of cities, the nodes you see are words. Rather than roads, there are links among words (DANOWSKI, 1993, p. 198)

Ou seja, o método tem como foco a co-ocorrência e distância entre palavras, mapeando a relação entre elas e criando uma rede que ilustra a estrutura de sentido do texto analisado, tornando, portanto, possível observar padrões, tendências e linhas de discurso. Seu diferencial de outras formas de análise semântica está em analisar aproximações e distinções objetivas entre as palavras, em contraponto a apenas a frequência isolada – o que tornaria o estudo passível de análises abstratas. Desta forma, os grupos formados podem ser diretamente interpretados ou utilizados como dados quantitativos para outras análises (DANOWSKI e RICE, 1993).

Traçando um histórico do método, Danowski e Rice (1993, p. 374) explicam que a legitimidade das redes semânticas está inicialmente ligada aos estudos de memória semântica e processos de associação, que, apesar de priorizarem processos cognitivos interpessoais, “they helped to develop the argument that relations among words reflect cognitions and, in turn, influence responses”. Associações entre palavras também servem de base para algoritmos e sistemas de recuperação de informação, contribuindo com o entendimento de que a técnica tem de fato relação com indicação de significado e sentido. Ademais, redes semânticas encontram aplicação em análises de citações e palavras-chave, de mídia, de respostas para perguntas

subjetivas, etc. Mais recentemente, vem ganhando força com análise de conteúdo e dados digitais - a exemplo deste artigo. Adiante explicitaremos de forma mais objetiva os procedimentos metodológicos aplicados neste estudo.

Procedimentos metodológicos

Após a decisão da técnica, foi necessário delimitar o escopo da pesquisa. Observando a expressividade do site nos dados apresentados pela Scup acima citados, o Twitter foi a rede social digital selecionada para análise. Em seguida, devido às possibilidades e restrições de pesquisa e recuperação de informação no próprio site, definimos a *hashtag* #casamentoreal como objeto central, considerando nossa intenção de focar no contexto brasileiro.

Assim, foram manualmente coletados todos os *tweets* públicos e em português que fizeram uso da *tag* das 8 horas (início oficial do casamento) até às 23 horas e 59 minutos do dia 19 de maio de 2018, chegando a um total de 5.671 postagens. O critério de tempo foi assim determinado pois buscamos a análise de comentários prioritariamente sobre a cerimônia, e não sobre especulações ou previsões acerca da mesma.

Todo conteúdo coletado foi processado no programa WORDij (DANOWSKI, 2010), ferramenta de linguística computacional que agrega várias outras ferramentas para análise. A aplicação WORDLINK, desenvolvido para o processamento de arquivos de texto em registros de pares de palavras (DANOWSKI, 1993), possibilitou a verificação de co-ocorrências – mais especificamente os três termos anteriores e três seguintes de cada palavra –, listando as palavras e os pares de palavras mais frequentes no escopo e gerando uma rede de conexão baseada nessas listas⁹. Por fim, o resultado foi importado para o software de análise de redes Gephi (BASTIAN et al., 2009) composto pelo *layout* ForceAtlas2, resultando na rede geral dos termos.

Cada palavra representada na rede forma um nó, que por sua vez gera ligações entre eles, os laços, baseados nas relações de co-ocorrência e pares nos textos em análise. O tamanho do nó representa a quantidade de pares encontrados, ou seja, nós maiores representam um maior

número de correlações - porém, não necessariamente as palavras mais frequentes. A proximidade entre os nós indica o grau de correlação semântica e a sua centralidade na rede tem relação direta ao número de ligações. Os nós mais conectados entre si formam um novo agrupamentos semânticos aqui chamados de *clusters*, identificados separadamente através do cálculo de modularidade. Foram observados 7 clusters expressivos, respectivamente: comentários gerais, visual da noiva, segunda tela, coral, rainha, imaginário e horário. É a análise destes *clusters* que fundamenta a etapa empírica do presente estudo.

Resultados

Aqui, apresentaremos uma análise interpretativa e teoricamente embasada dos *clusters* encontrados ao longo da etapa empírica. Por se tratar de um artigo para revista científica, com limite de páginas, não exporemos os quadros com o mapeamento de cada um deles. Versões de alta qualidade para exploração virtual destes *clusters*, bem como da rede geral acima explicada, estão disponíveis através do link bit.ly/2T9oVoD. Recomendase a utilização deste recurso para melhor ilustração das correlações entre palavras, porém entendemos que a explicação verbal dos mesmos se mostra suficiente para uma boa compreensão dos achados.

O *cluster* 1 é o mais abrangente. Ele diz respeito a comentários generalizados sobre os noivos e a cerimônia. Somam-se a “príncipe”, “Harry”, “Meghan” (e sua escrita incorreta “Megan”) e “Markle”, palavras como “cerimônia”, “princesa”, “atriz”, “casar”, “vida”, “Charlotte” (nome da sobrinha de Harry, filha do Príncipe William e Kate Middleton, Duque e Duquesa de Cambridge), “feminista” e “feminismo”. A palavra “cara” também tem bastante destaque na rede - isso se explica pelo número de conexões que o vocábulo permite, sendo usada em expressões como “‘tapa’ na ‘cara’ da ‘sociedade’/das ‘invejadas’”, ou que alguém estava “a ‘cara’ da ‘Cinderella’”, ou ainda sobre “passar ‘reboco’ (maquiagem) na ‘cara’”.

O segundo *cluster* expõe comentários específicos, mais precisamente sobre a aparência de Markle. As palavras com maior número de conexões são “vestido”,

⁹ É importante mencionar que o texto original passou por um tratamento para auxiliar a interpretação da rede, que, caso contrário, compor-se-ia desnecessariamente extensa. O WORDLINK permite a seleção de palavras a serem removidas, especialmente as de uso frequente, com diversas possibilidades de correlação e sem significado expressivo, como “e”, “ou”, e “mas”. Em geral, removeu-se preposições, pronomes, conjugações do verbo “ser” e conjunções, dando preferência a substantivos, adjetivos e advérbios. Palavras recorrentes devido à plataforma e a coleta manual como “like” “retweet” e “reply” também foram deixadas de fora, assim como palavras e expressões ligadas à *spam*, muito comuns e ambientes virtuais.

“noiva”, “lindo”, “tão” e “linda”. Em seguida, podemos citar “simples”, “bem”, “maquiagem”, “make”, “nada”, “mãe”, “achei”, “bonito”, “mulher”, “negra”, “super”, “menos”, “tiara”, “véu”, “Givenchy” (grife de roupas de alta-costura responsável pelo vestido da noiva), “noivo”, “noivos”, “jeito”, e “olhar”.

O próximo *cluster* traz termos relacionados à experiência de comentar virtualmente o que se vê na televisão – por isso, é o *cluster* que apresenta mais termos ligados ao vocabulário usual das mídias digitais. O termo “*royalwedding*”, de representação mais acentuada na rede geral, vem da *hashtag* de mesmo nome (o WORDij não reconhece símbolos como o #), que foi usada em conjunto com a #casamentoreal por muitos usuários. Outros nós evidenciados são “casamentorealnognt”, *tag* oficial das transmissões do canal de TV pago GNT, “princeharry”, “meghanmarkle”, “meghanandharry”, “harryandmeghan”, “BKasamentoreal” (*hashtag* lançada pela empresa de *fast-food* Burger King, que estava com uma promoção vinculada ao casamento), e “sabadodetremurasdv” e “sabadomastersdv” (*hashtags* que objetivam troca de seguidores no site). Pela configuração das palavras sem espaçamento, entende-se que todos estes termos procedem de *hashtags*. Além deles, temos “Inglaterra” e “Suits” (nome da série que Meghan atuava).

O quarto *cluster* é centrado no The Kingdom Choir. Na rede geral, percebemos que seus nós estão mais afastados do centro, na margem sudeste, o que torna o subgrupo com correlações externas menos significantes que os outros – em outras palavras, um *cluster* mais fechado em si. As palavras realçadas são “coral”, “cantando”, “stand”, “by”, “música”, “gospel”, “reverendo”, “bispo”, “Michael”, “Curry”, “negro”, “negros”, “maravilhoso”, “incrível”, “thekingdomchoir” e “Elton” e “John” (cantor americano que esteve presente como convidado)¹⁰.

Os comentários envolvendo as palavras “rainha” e “Elizabeth” permitiram um subagrupamento próprio. As principais relações são com “bolo”, (comparando seu vestido e “chapéu” de cor “verde” com o bolo do casamento, sabor “limão”); e o “almoço” “oferecido” por ela após a cerimônia para 650 “convidados”. Outras palavras a se mencionar são “rei” e “Mary” (rainha cuja tiara que Meghan usou pertenceu).

O próximo *cluster* traz comentários envolvendo fantasia e religião, com alguns indícios de comparações da cerimônia com histórias de “contos” de “fadas”. A palavra “amor” aparece como central no grupo, levando a palavras como “Deus”,

“homem”, “Jesus”, “caminho”, “onde”, “verdadeiro”, “olhares”, “forte”, “parece” e suas respectivas conexões.

Por fim, o sétimo e último *cluster* refere-se a comentários acerca do dia e horário do casamento. As palavras com mais co-ocorrências são “cedo”, “sábado”, “acordei”, “assistir”, “dia”, “hoje”, “bom”, “manhã” e “acordar”.

As redes semânticas não permitem o entendimento preciso ou detalhado do objeto em análise, no entanto, são eficientes ao apontar direcionamentos investigativos pertinentes – no caso, as sobressalentes linhas discursivas presentes nas postagens. A partir do resultado das redes, foi possível a busca de *tweets* mais específicos para representá-las. Foram consideradas quatro linhas temáticas com viabilidade de discussão, a partir das lentes dos Estudos Culturais: raça; gênero (e a subtemática da epistemologia do feminismo); globalização e novas tecnologias; pós-colonialismo e hibridismo cultural. No tópico seguinte trataremos de forma acurada cada uma delas.

Discussão dos resultados

Como já discutido na introdução deste artigo, o casamento real britânico entre Meghan Markle e o Príncipe Harry permeou diversos aspectos do campo cultural, afinal, “não há nada que o pós-modernismo global mais adore do que um certo tipo de diferença: um toque de etnicidade, um ‘sabor’ do exótico e, como dizemos em inglês, a *bit of the other*” (HALL, 2003, p. 337). A visão do brasileiro sobre um evento internacional desse porte pode fornecer, por meio da análise crítica, rico panorama sobre problemáticas sociais alicerçadas em raça e etnia, colonialismo e pós-colonialismo, as quais nos dão pistas, ao menos parcialmente, como a nossa sociedade se estrutura. A partir dessa premissa, traremos postagens ilustrativas das linhas temáticas encontradas nas redes na etapa empírica para embasar argumentações teóricas, objetivando elucidar elementos da cultura brasileira e relações de poder ali inscritas.

Raça e etnia em cena: “negros maravilhosos”

A questão racial no Brasil tem uma configuração diferente da inglesa e da americana, afinal, trata-se de um fenômeno altamente ligado aos processos históricos.

¹⁰ A palavra “me” foi deixada de fora da rede por ser, em português, um pronome oblíquo muito comum e que permite diversas conexões.

Se lá entende-se raça e etnia prioritariamente a partir das raízes genealógicas (independente da presença ou não de fenótipos correspondentes), criando termos como “afro-italiano” ou “turco-americano”, “um dos aspectos mais surpreendentes de nossa sociedade é o fato de a ausência de identidade racial ou confusão racial reinante ser aceita como dado de nossa natureza” (CARNEIRO, 2011, p. 592-594). A forte miscigenação, presente desde cedo na história brasileira, cria o senso-comum de uma falsa “raça brasileira”, a “parda”, quase que universal – as exceções são o branco, tão exclusivo quanto apetecido, e o negro basilar. Nas palavras da pesquisadora brasileira supracitada:

Aqui, aprendemos a não saber o que somos e, sobretudo, o que devemos querer ser. Temos sido ensinados a usar a miscigenação ou a mestiçagem como carta de alforria do estigma da negritude: um tom de pele mais claro, cabelos mais lisos ou um par de olhos verdes herdados de um ancestral europeu são suficientes para fazer alguém que descenda de negros se sentir pardo ou branco, ou ser “promovido” socialmente a essas categorias. E o acordo tático é que todos façam de conta que acreditam. (CARNEIRO, 2011, p. 603-606).

Entretanto, para grande parcela dos comentaristas do Twitter, Meghan, autodeclarada birracial (*mixed-race*), foi considerada negra – não exatamente pelas suas características físicas ou tom de pele, mas provavelmente pela influência das manchetes internacionais e pela conveniência de conceder à nova integrante da mais famosa família monárquica uma raça historicamente antagônica a ela (figura 1). Quando mencionada sua raça, era para destacar a revolução que sua figura passa a representar.

Em contrapartida, a palavra “negra” também se correlaciona com a mãe da noiva (de pele mais escura e características afrodescendentes mais expressivas), porém, agora, com observações mais específicas sobre seus traços físicos, especialmente seu cabelo, e sua descendência de escravos (figura 2).

A interpretação de Meghan como mulher negra, entretanto, não foi unânime: em menor escala, gerou incômodo e questionamento (figura 3).

Percebe-se, então, que o discurso anterior não contradiz a fala de Carneiro – o reforça. Sua negritude difere da que comumente reconhecemos e, por isso, não podemos apontar muito além da sua genealogia para reforçá-la. Todavia, o reforço se faz necessário mesmo

Meghan não é só mais uma plebeia na realeza, é a primeira negra na família real britânica. O amor transpõe o intransponível.
#CasamentoReal

21:05 - 19 de mai de 2018

Figura 1.

Figure 1.

Fonte/source: Twitter.com

Eu estou apaixonada pela mãe da noiva, com aqueles dreads, percing no nariz, cabelos brancos na raiz <3 #CasamentoReal

07:51 - 19 de mai de 2018

Figura 2.

Figure 2.

Fonte/source: Twitter.com

A Meghan não é negra, não forcem gente
#CasamentoReal

12:01 - 19 de mai de 2018

Figura 3.

Figure 3.

Fonte/source: Twitter.com

diante do risco de parecer incoerente, considerando que as outras nomenclaturas que mascaram a herança africana (moreno, pardo, mulato, cafuso, entre outras.) “vêm funcionando, com eficácia, como elementos de fragmentação da identidade negra e impedindo que esta se transforme em elemento aglutinador no campo político para reivindicações coletivas por equidade racial” (CARNEIRO, 2011, p. 638-639). A simbologia em poder dizer que existe negritude na monarquia europeia trespassa os colorismos, afinal, mais que científica, “‘raça’ é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão — ou seja, o racismo.” (HALL, 2003, p. 69).

Ainda assim, a exaltação da raça e da cultura negra prevaleceram entre os comentários sobre a temática, ficando ainda mais evidente ao observarmos o *cluster 4*, anteriormente apresentado. A proximidade das palavras “negro”, “negros”, “maravilhoso” e “maravilhosos” indicam forte correlação, sendo ainda este grupo marcado por comentários sobre o coral The Kingdom Choir e pelo

discurso do reverendo Michael Curry, principais representantes da cultura afroamericana na cerimônia (figura 4). Mas a caracterização não vai muito além – não se vê menção sobre as vozes ou a harmonia do coral, tampouco a eloquência ou postura de Curry, apenas o tom de pele e em menor valor, suas nacionalidades. As palavras de Hall (2003), expressam essa forma de caracterizar o negro, “pensem em como essas culturas tem usado o corpo como se ele fosse, e muitas vezes foi, o único capital cultural que tínhamos. Temos trabalhado em nós mesmos como em telas de representação” (p. 342). É preciso reconhecer os esforços em prestigiar a participação cultural negra, porém a maneira com que o brasileiro o fez ainda não é isenta de contradições categóricas: No momento em que o signifiante “negro” é arrancado de seu encaixe histórico, cultural e político, e é alojado em uma categoria racial biologicamente constituída, valorizamos, pela inversão, a própria base do racismo que estamos tentando desconstruir (HALL, 2003, p.345).

#Casamentoreal meu que lindo, sermão maravilhoso, esse coro so de negros, muito emocionante e perfeito....

07:33 - 19 de mai de 2018

Figura 4.
Figure 4.

Fonte/source: Twitter.com

Por fim, é necessário problematizar a aceitação de Meghan como representante de um novo tempo na monarquia inglesa, um tempo mais moderno e teoricamente despidido de preconceitos. Como lembra Sueli Carneiro,

Uma das características do racismo é a maneira pela qual ele aprisiona o outro em imagens fixas e estereotipadas, enquanto reserva para os racialmente hegemônicos o privilégio de ser representados em sua diversidade. Assim, para os publicitários, por exemplo, basta enfiar um negro no meio de uma multidão de brancos em um comercial para assegurar suposto respeito à diversidade étnica e racial e livrar-se de possíveis acusações de exclusão racial das minorias. Um negro ou japonês solitários em uma propaganda povoada de brancos representa o conjunto de suas coletividades. Afinal, negro e

japonês são todos iguais, não é mesmo? (CARNEIRO, 2011, P. 666-671)

A ironia da autora demonstra a forma sarcástica como ainda devemos tratar a presença de negros em espaços de poder, como é o caso do casamento da realeza britânica. Um sarcasmo crítico que leva à reflexão. Aplaudimos sem questionar que a sociedade, estruturada no racismo, sempre busca uma justificativa para o não hegemônico e, mais além, limita-se ao visível estereotipado.

Gênero em cena: “todos falaram do vestido da noiva”

Baseando-nos na *performatividade de gênero*, “o gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero.” (BUTLER, 2003, p. 48). Neste sentido, tanto a masculinidade quanto a feminilidade – em uma lógica binária - são construídos a partir de uma “prática discursiva contínua” e, dentre as diversas maneiras de exercer tais práticas, a interpretação a partir do corpo é a primeira a ser notada (BUTLER, 2003, p. 186).

A diferença de gênero, a qual se expressa dando forma ao machismo, faz-se presente nos conteúdos analisados a partir da constatação de que a imagem de Meghan, mais especificamente seu corpo e recursos a ele atribuídos, recebeu substancialmente mais atenção que o de seu marido – mesmo sendo Harry o membro original da coroa e tendo quebrado um tradicional protocolo ao escolher deixar a barba para a cerimônia. Os comentários relacionados à aparência da noiva foram suficientes para formar um *cluster* próprio, sendo o agrupamento com maior número de adjetivos – alguns em posição de destaque. No mesmo *cluster*, a palavra “noivo” não apenas é menor e menos central que “noiva”, mas também que “vestido”, “linda”, “lindo”, “tão”, “simples” e “achei”.

Expõe-se, portanto, a importância que a sociedade – ao menos a brasileira – destina à imagem da mulher, mais especificamente sua beleza. O fato de Markle estar próxima do almejado *status* de “princesa”, que permeia o imaginário feminino desde a infância – construído a partir de uma série de ícones do sistema simbólico de representação -, eleva a cobrança e expectativa ao ápice.

A sociedade espera da noiva, e da mulher, um porte “bonito”, “elegante” e “chique”, sem deixar de parecer “feliz” e ter “graça” e “serenidade”. Ao mesmo tempo, sente-se no direito de expressar opiniões e julgamentos (“achei”, “acharam”, “gostei”, “gosto”, “ficou”, “faltou”) (figura 5). A performatividade feminina, retomando o conceito de Butler, aparenta uma carga muito mais dispendiosa que a masculina (figura 6).

A problemática racial também permeia essa discussão, visto que “o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas.” (BUTLER, 2003, p. 20).

Ainda observando o *cluster 2*, é possível encontrar “negra”, “representatividade” e “dreads”, palavras diretamente relacionadas à raça da noiva e de sua mãe. Observa-se ainda, em menor evidência, o termo “cabelo” correlacionado a “alisado”. Partindo da descendência de Meghan, é de se esperar que seu cabelo seja naturalmente cacheado ou crespo, sendo o seu cabelo alisado, assim como de muitas outras mulheres, reflexo do “desejo de embranquecimento” (CARNEIRO, 2011, p. 609-610). De fato, não ter ondas, frizz ou volume no cabelo auxilia na camuflagem dos negros de pele clara, porém sob o risco de ser “desmascarado” (figura 7).

Ao se revelarem para as câmeras no dia do casamento, Kate Middleton e Diana (cunhada e mãe de Harry, respectivamente) foram suscetíveis a críticas sobre sua feminilidade. Meghan, somando a essa problemática, foi sujeita a opiniões sobre sua própria natureza ou leitura da natureza.

No mais, o feminismo também foi discutido epistemologicamente. A posição política autodeclarada de Meghan foi questionada diante da sua decisão de abandonar seu país e sua profissão para juntar-se à família do marido, o que foi rebatido por outros com argumentos de que o feminismo é sobre fazer suas próprias escolhas (figura 8).

Essa “confusão”, ou leitura, se dá pela tentativa falha de unificar o patriarcado e suas opressões, que acaba por torná-los sinônimos de “tradicionalismo”.

A presunção política de ter de haver uma base universal para o feminismo, a ser encontrada numa identidade supostamente existente em diferentes culturas, acompanha frequentemente a ideia de que a opressão das mulheres possui uma forma singular, discernível na estrutura universal ou hegemônica da dominação patriarcal ou masculina. (BUTLER, 2003, p. 20)

Achei o vestido dela bonito e simples. O look todo ficou bem minimalista. Talvez por isso mesmo a make poderia ter sido um pouco mais elaborada. #CasamentoRealNoE #CasamentoReal

13:17 - 19 de mai de 2018

Figura 5.

Figure 5.

Fonte/source: Twitter.com

Todos falam do vestido na noiva, achei muito simples, mas ninguém fala do noivo com roupa tradicional militar, achei lindo demais. #CasamentoReal

16:10 - 19 de mai de 2018

Figura 6.

Figure 6.

Fonte/source: Twitter.com

#casamentoreal Não tem salão que dê jeito em cabelo alisado

07:46 - 19 de mai de 2018

Figura 7.

Figure 7.

Fonte/source: Twitter.com

Deviam chamar esse casamento de Schrödinger: para uns, a noiva é branca, para outros, negra. Para uns, ela é feminista, para outros, não.

#RoyalWedding #CasamentoReal

09:59 - 19 de mai de 2018

Figura 8.

Figure 8.

Fonte/source: Twitter.com

Não nos cabe aqui questionar o “grau” do feminismo de Meghan a partir da sua decisão pessoal, apenas pontuamos que existe uma lacuna no entendimento do significado de feminismo por parte da sociedade brasileira, especialmente daqueles que discutem o termo nas redes sociais. Trata-se de uma questão complexa e de difícil conclusão, considerando que se trata de um movimento social de diferentes vertentes e contextos, o qual ganhou alcance mundial e se moldou às necessidades e disputas de poder inerentes a cada arena, mas que, certamente, abarca a busca pela liberdade das mulheres, o fim do machismo e do patriarcado que historicamente aprisiona mulheres nas mais variadas instâncias da vida privada e pública.

Globalização e novas tecnologias em cena: “Acordei para ver o #casamentoreal e ficar comentando”

A união entre uma celebridade americana e um príncipe inglês, transmitida para todo o mundo e comentada em tempo real pelos brasileiros via redes sociais digitais, pode vir a se tornar um exemplo de livro didático para o que é a globalização moderna e a influência das novas tecnologias nesse processo. Trata-se de um evento que ilustra características de temas caros do campo da comunicação: velocidade na comunicação; fluxo constante de informação; estreitamento de fronteiras; e integração cultural. Nas palavras de Hall, “a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos. Suas compressões espaço-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxam os laços entre a cultura e o ‘lugar’. (...) As culturas, é claro, tem seus ‘locais’. Porém, não é mais tão fácil dizer de onde elas se originam” (HALL, 2003, p. 36).

Nesse contexto social e tecnológico, a midiatisação do casamento real conseguiu levar a monarquia inglesa para os lares de famílias espalhadas pelo globo, que não necessariamente apresentavam um gosto ou familiaridade anterior por ela, tornando-o um evento global. Os vários depoimentos sobre pessoas que deliberadamente acordaram cedo para assistir à cerimônia em tempo real mostram que no Brasil não foi diferente (figura 9). O grau de importância da cerimônia pode ser observado já no fato da maior emissora televisiva nacional ter alterado por algumas horas seu tradicional fluxo de programação - cuidadosamente planejado para atrair e manter o público (WILLIAMS, 2016).

A possibilidade de interatividade, permitida pelo uso dos dispositivos móveis como segunda tela, também teve papel fundamental na repercussão desse evento. Mais

Me acordei 07:00 da manhã para ver o **#CasamentoReal** e ficar comentando a cerimônia e os looks

14:39 - 19 de mai de 2018

Figura 9.

Figure 9.

Fonte/source: Twitter.com

A maioria dos ingleses é "seco", "gelado", não entende uma piada saudável na Internet. Fui achar graça da Camila e veio uma inglesa reclamar comigo sobre o que eu disse. Gente chata que não sabe diferenciar ofensas de comentários irônicos 🙄🙄🙄

#CasamentoReal #royalwedding

Figura 10.

Figure 10.

Fonte/source: Twitter.com

que assistir à celebração, o público sentiu a necessidade de trocar impressões, comentários e posicionamentos, tornando a experiência individualizada de assistir televisão coletiva, participativa e global (figura 10).

Sobre a conversação virtual, Raquel Recuero explica que:

Mais do que meras interações, essas milhares de trocas entre pessoas que se conhecem, que não se conhecem ou que se conhecerão representam conversações que permeiam, estabelecem e constroem as redes sociais na Internet. As características dos sites de rede sociais, nesse contexto, acabam gerando uma nova “forma” conversacional, mais pública, mais coletiva, que chamaremos de conversação em rede. (...) São essas conversas públicas e coletivas que hoje influenciam a cultura, constroem fenômenos e espalham informações e memes, debatem e organizam protestos, criticam e acompanham ações políticas e públicas. É nessa conversação em rede que nossa cultura está sendo interpretada (RECUERO, 2014, p. 17 e 18).

Aqui, estas conversas públicas se direcionaram a um evento tradicional da monarquia que teoricamente não pertenceria ao mundo dos brasileiros, no entanto, é

justamente a possibilidade de interação mediada, em uma perspectiva global, que garante a construção de significados de característica híbrida.

Globalização e hibridismo cultural: “vocação para colônia”

O termo “pós-colonialismo” abarca diferentes significados, opostos ou complementares, que dificultam seu uso e sua interpretação. Contudo, “O que o conceito pode nos ajudar a fazer é descrever ou caracterizar a mudança nas relações globais, que marca a transição (necessariamente irregular) da era dos Impérios para o momento da independência ou descolonização” (HALL, 2003, p.107). Aproximamo-nos aqui da interpretação de Stuart Hall, que entende o pós-colonialismo como independente de época ou lugar, tratando de como o processo de descolonização marcou de forma intensa tanto as metrópoles quanto as col nias – sem nunca desconsiderar as devidas diferenciações culturais. Para ele, o termo provoca “uma reescrita descentrada, diaspórica ou ‘global’ das grandes narrativas imperiais do passado, centradas na nação. Seu valor teórico, portanto, recai precisamente sobre sua recusa de uma perspectiva do ‘aqui’ e ‘l ’, de um ‘então’ e ‘agora’, de um ‘em casa’ e ‘no estrangeiro’” (HALL, 2003, p. 109).

Essa hierarquia histórica continuamente permeia a nossa sociedade, intervindo na nossa aceitação e valorização do que vem de fora - mesmo que o “colonizador” de hoje não seja o mesmo de 500 anos atrás. Para Canclini (2011), a influência de culturas externas   inegável, principalmente considerando o momento atual de globalização e midiaticização da informação e comunicação, porém, ao contrário do que diversos teóricos afirmam, o hibridismo não vem para apagar culturas mais “fracas” em contraposição à cultura hegemônica: a cultura   viva e, portanto, modificável, capaz de acolher e fagocitar características externas. Assim, o autor desestabiliza a verticalidade, por vezes apocalíptica, que supostamente caracterizaria o fen meno da globalização. Consonante, Barbero (2010) afirma que o cenário cultural contemporâneo não se mostra homog neo como muitos previam e que o processo de globalização  , ao mesmo tempo, uma potencialização da “diferença” e uma constante exposição de culturas, que em alguma medida as hibridizam. Certamente, a mediação do casamento real analisado por este estudo é representativo das afirmações do autor.

Entendemos que esta perspectiva acerca do hibridismo cultural se revela no nosso *corpus* através de discursos de brasileiros que, diante de um dos maiores

eventos culturais britânicos, demonstraram interesse e conhecimento acerca da política, cultura e sociedade britânica (figura 11), ou ainda um sentimento de fantasia e desejo sobre o contexto assistido - muito bem representado pelo sexto *cluster*, anteriormente exposto.

No entanto, Woodward (2007) nos lembra das tensões e disputas que se fazem presentes tornando as formações híbridas complexas, com reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a determinado grupo identitário. É evidente nos comentários dos brasileiros o discernimento acerca desses espaços simbólicos, explicitados por meio dos pronomes “eles” e “nós”. Se a presença de uma princesa “não-branca” confunde algumas destas demarcações, considerando o eurocentrismo como referência, o passado e a sua história de dominação são fortes marcadores das diferenças.

É interessante refletir como o brasileiro se apegou aos aspectos étnico-raciais de Meghan para aproximar realidades. Segundo Gilroy (2001), são exatamente essas identidades que não possuem uma “ nica fonte cultural” as responsáveis por desestabilizar e modificar a cultura. O reconhecimento de que a luta e a contestação possuem um ponto central na construção cultural de identidades, em uma diversidade de contextos, eleva a importância dos sistemas de representação, como os midiáticos.

O cenário do casamento real foi oportuno para auto reflexão, comparando a realidade inglesa com a nossa (figura 12) e até questionando a importância do evento (figura 13).

Esses comentários demonstram certo grau de criticidade acerca da nossa condição de ex-colônia. Se retomarmos Hall ao discutir o termo pós-colonialismo, essa reflexão presente no *corpus* está intimamente coadunada   lógica de que o prefixo “p s” não indica término ou ruptura de um período para o outro, mas sim um contexto que, ainda que emergente, carrega consigo todas as marcas de seu antecessor, neste caso de ocupação, colonização e destruição. Por fim, ao refletir sobre “identidade cultural”, Hall (2003) argumenta que a fala do sujeito parte de uma posição histórica e cultural particular. Ainda que o pensamento essencialista se materialize na busca de uma unicidade ou ‘verdade’ de uma história herdada – especialmente em tempos de conservadorismo e ascensão de políticas protecionistas e segregacionistas como um fen meno global -, as identidades não são est ticas e o passado é constantemente reconstruído e ressignificado, pois “os fluxos não regulados de povos e culturas são tão irrefre veis quanto os fluxos patrocinados do capital e da tecnologia” (Hall, 2003, p.43).

#Edição12

#casamentoreal

Falando da Rainha Vitória

Curiosidade

Ela adotou uma menina negra quando ainda existia escravidão no Brasil demonstrando que principalmente as rainhas da Inglaterra estão a frente do seu tempo se mantendo popular até hoje

11:16 - 19 de mai de 2018

Figura 11.

Figure 11.

Fonte/source: Twitter.com

Casamento do Príncipe lembrando conto de fadas... E me lembrando também que no Brasil seria muito mais barato sustentar uma Família Real do que milhares de políticos, sendo que só um nos rouba milhões...

#CasamentoRealNoGNT

#CasamentoReal

Figura 12.

Figure 12.

Fonte/source: Twitter.com

Juro, quando eu vi as principais emissoras do país transmitindo o casamento de um Príncipe britânico distante do trono pensei em toda a nossa vocação para Colônia!

#casamentoreal #RoyalWedding

07:54 - 19 de mai de 2018

Figura 13.

Figure 13.

Fonte/source: Twitter.com

Considerações finais

As postagens de brasileiros sobre o casamento do Duque e Duquesa de Sussex, realizado em Windsor, na Inglaterra, no Twitter – *corpus* desta pesquisa – elucidaram aspectos da cultura nacional que, em grande medida, estruturam nossa sociedade. A partir delas, e sob as lentes dos Estudos Culturais, foi possível observar: tentativas positivas, apesar de não ideais, de celebração da representação negra; características do patriarcado ainda enraizadas sobre a figura da mulher, e de forma interseccional da mulher negra, bem como leituras divergentes acerca das pautas feministas; o alto caráter globalizado em que nos encontramos, principalmente sob influência das TIC e de uma disposição ou avidez por participar das redes que se formam a partir delas; pistas das características de sociedade pós-colonialista e culturalmente híbrida, as quais, em certa medida, dão forma a nossa visão sobre o contexto internacional e nacional.

A cerimônia, cuidadosamente pensada em seus mínimos detalhes, se consolidou como uma forma eficaz de publicidade e propaganda para a monarquia inglesa, agendando-a naquele dia (e provavelmente naquela semana) como pauta relevante internacionalmente, independente da relação de proximidade que outras nações tenham com o império britânico. A globalização e cobertura midiática assumem grande responsabilidade neste sentido.

Assim, este artigo buscou tratar de forma embasada resultados de uma pesquisa empírica que, para além de dados quantitativos, significou uma interpretação qualitativa de um *corpus* que representa, em alguma medida, valores e relações de poder relevantes socialmente. Parte deles pode ser considerado reflexo de uma sociedade mais crítica que é influenciada não apenas pelos meios de comunicação tradicionais massivos, mas também por ambientes mais democráticos de compartilhamento, nos quais outras vozes ecoam, de resistência às relações de poder socialmente consolidadas. Outras certamente demonstram como padrões hegemônicos estão aculturados e naturalizados.

Referências

- BARBERO, J. M. 2010. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, D. (Org.) *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização, cultura e poder*. Rio de Janeiro: Record, p.57-86.
- BASTIAN, M. et al. 2009. *Gephi: an open source software for*

- exploring and manipulating networks*. Disponível em: <<https://gephi.org/publications/gephi-bastian-feb09.pdf>>. Acesso em: 18/08/2018.
- BRAND FINANCE. 2017. Monarchy 2017. The annual report on the value of the British Monarchy. Disponível em: <<http://brandfinance.com/knowledge-centre/reports/brand-finance-monarchy-2017/>>. Acesso em: 14/08/2018.
- BUTLER, J. 2003. *Problemas de Gênero. Feminismo e subversão da Identidade*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira. 236 p.
- CANCLINI, N. G. 2011. *Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo, EDUSP. 392 p.
- CARNEIRO, S. 2011. *Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil (Consciência em Debate)*. São Paulo, Selo Negro. Edição do Kindle.
- DANOWSKI, J. A. 1993. Network analysis of message content. In: RICHARDS, W. D.
- BARNETT, G.A. (orgs) *Progress in communication sciences*, v. XII. New Jersey, Ablex Publishing Corporation, p. 198-221.
- _____. 2010. Inferences from word networks in messages. In: KRIPPENDORFF e BOCK, M. (orgs). *The content analysis reader*. Thousand Oaks, SAGE Publications, p. 421-430.
- DANOWSKI, J. A. e RICE, R. E. 1993. *Is It Really Just Like a Fancy Answering Machine?* Comparing Semantic Networks of Different Types of Voice Mail Users. *Journal of Business Communication*, 30(4): 369-397.
- ELAM, S. 2017. Why Americans are obsessed with the British royal family. CNN. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2018/03/29/us/royal-wedding-us-interest-meghan-harry-intl/index.html>>. Acesso em: 12/08/2018.
- GILROY, P. 2001. *O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência*. São Paulo/ Rio de Janeiro: 34/UCAM, 432p.
- HALL, S. 2003. *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte, Ed. UFMG. 434p.
- HIRSH, A. 2017. When Meghan weds Harry, Britain's relationship with race will change forever. The Guardian. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2017/nov/27/prince-harry-meghan-markle-britishness-monarchy-relevant>>. Acesso em: 12/08/2018.
- KATZ, G. 2017. Markle Says Early Press Focus on Her Mixed-Race Background 'Disheartening'. NBC Chicago. Disponível em: <<https://www.nbcchicago.com/news/local/Prince-Harrys-fiance-Meghan-Markle-says-early-press-focus-on-her-mixed-race-background-disheartening-460331143.html>>. Acesso em: 13/08/2018.
- KENSINGTON PALACE. 2016. A Statement by the Communications Secretary to Prince Harry. Disponível em: <<https://www.royal.uk/statement-communications-secretary-prince-harry>> Acesso em: 12/08/2018.
- MOUNT, H. 2017. The royal baby will make the world's greatest brand even stronger. CNN. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2017/09/04/opinions/royal-baby-kate-middleton-harry-mount-opinion/index.html>>. Acesso em: 19/08/2018.
- PAZ, H. e MEIRELES, P. 2018. Discursos de ódio na internet: uma análise sobre a marginalidade dos corpos negros. Disponível em: <https://www.academia.edu/36949558/Discursos_de_%C3%B3dio_na_internet_uma_an%C3%A1lise_sobre_a_marginalidade_dos_corpos_negros>. Acesso em: 10/08/2018.
- PROULX, M. e SHEPATIN, S. 2012. *Social TV: how marketers can reach and engage audiences by connecting television to the WEB, social media and mobile*. Hoboken, John Wiley & Sons, Inc. 288p.
- RECUERO, R. 2014. *Conversação em Rede. Comunicação Mediada pelo Computador e Redes Sociais na Internet*. 2ª ed. Porto Alegre, Sulina, 238p.
- _____. 2014. *Redes Sociais Na Internet*. 2ª ed. Porto Alegre, Ed. Sulina.
- Ex.: DUARTE, M.A. 2003. Televisão: entre a novela e o telejornal. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXVI, Minas Gerais, 2003. *Anais...* 1:242-250.
- REGATTIERI, L. L. et al. 2014. A Forma Perspectiva no Twitter: uma técnica quanti-qualitativa para estudos de Redes Sociais. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXVII, Foz do Iguaçu. 2014. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/sis/2014/resumos/R9-2511-3.pdf>>. Acesso 18/08/2018
- VAQUE, G. 2018. Casamento Real faz Globo News e GNT dispararem na audiência da TV por assinatura; veja números. UOL. Disponível em: <<https://observatorio-tv.uol.com.br/audiencia-da-tv/2018/05/casamento-real-faz-globo-news-e-gnt-dispararem-na-audiencia-da-tv-por-assinatura-veja-numeros>>. Acesso em: 14/08/2018.
- WILLIAMS, R. 2016. *Televisão. Tecnologia e Forma cultural*. Belo Horizonte, Boitempo Editorial. 190p.
- WOODWARD, K. 2007. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 7ª Ed. Petrópolis: Vozes, p. 7-72.